

---

## A Conferência “Cinquentenário da Abolição” de Mário de Andrade

Angela Teodoro Grillo<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho divide-se em dois momentos, em primeiro lugar contextualiza as Comemorações do Cinquentenário da Abolição, organizadas por Mário de Andrade, Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, cargo público que ocupou de 1935 a 1938. Em seguida, apresentamos a transcrição completa da conferência, com notas da pesquisa que decodificam os diálogos entre a biblioteca e o arquivo do escritor. O texto datiloscrito muito provavelmente não chegou a ser apresentado pelo seu autor, pois as comemorações, em grande parte interrompidas, ocorriam enquanto Mário de Andrade era afastado de seu cargo.

**Palavras-Chaves:** Mário de Andrade. Departamento de Cultura. Cinquentenário da Abolição da Escravidão. Preconceito Racial. Negro brasileiro.

### The Fiftieth Anniversary of the Abolition Conference by Mário de Andrade

**Abstract:** The present work is divided into two moments, firstly contextualizing the Fiftieth Anniversary of Abolition, organized by Mário de Andrade, Director of the Department of Culture of the Municipality of São Paulo, public office held from 1935 to 1938. Afterwards, After, we present the complete transcription of the conference, with research notes that decode the dialogues between the library and the writer's file. The untitled and unpublished text was not presented by its author, since the celebrations, largely interrupted, occurred while Mário de Andrade was removed from his post.

**Keywords:** Mário de Andrade. Department of Culture. Fiftieth Anniversary of Slave Abolition. Racial Prejudice. Black brazilian.

### Introdução

Na série *Manuscritos Mário de Andrade*, que integra o arquivo do escritor, salvaguardado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), o dossiê *Preto* corresponde a 350 documentos, em sua maioria notas prévias/notas de trabalho, que abarcam a coleta de assuntos e tópicos em leituras sobre o negro, ligadas a uma vasta bibliografia. Mário de Andrade etnógrafo a partir de leituras organiza um vasto fichamento, concretizando, a grafite, escólios ou assuntos na margem de obras em sua biblioteca, e da transcrição de fragmentos em fólhos, como notas para servir a diferentes tópicos aventados.

---

<sup>1</sup> Atualmente desenvolve projeto de Pós-Doutorado, no Programa de Cultura e Identidade, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e atua como professora substituta de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora e mestre em Letras, na área de Literatura Brasileira, pela FFLCH-USP. Autora de *Sambas insonhados: o negro na perspectiva de Mário de Andrade* (2016). O presente trabalho advém de pesquisa financiada pela FAPESP. E-mail: angelagri@gmail.com.

---

A classificação do dossiê *Preto*, por mim preparada para o catálogo analítico da referida série, no Projeto Temático FAPESP/ IEB/FFLCH-USP<sup>2</sup>, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, indica, além das notas de trabalho, a versão datiloscrita do ensaio-conferência sem título, à qual intitulei *Cinquentenário da Abolição*, e dois artigos de Mário, sob a forma de recortes: “A superstição da cor preta”, divulgado em *Publicações Médicas* (São Paulo, junho-julho de 1938, p. 63-68), e “Linha de cor”, em *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, 29 de março de 1939). A conferência, no conjunto do manuscrito, representa parcela de um ensaio bem mais amplo projetado, ao que se depreende dos múltiplos assuntos sinalizados pelas numerosas notas de trabalho. Confirma vinte anos de pesquisa e reflexão, corroborados por datas que se insinuam nas notas de trabalho e no ano das edições daquelas obras com os quais o ensaísta dialogou, isto é, suas matrizes (GRILLO, 2010).

A análise deste documento, originalmente sem título, datado de 7 de maio de 1938, revela um texto desenvolvido para leitura perante uma plateia, no dia 10, ao lado de outro conferencista, Francisco Lucrécio. Nesse momento, Mario de Andrade, diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo desde 1935, procura concretizar as comemorações do Cinquentenário da Abolição, por ele traçadas em conjunto com as Associações negras, para o período 28 de abril a 13 de maio.

Os jornais paulistanos especificam o programa: doze dias de conferências e congada nas ruas centrais, no próprio dia 13, festa coroando a iniciativa do Departamento. Até então, os negros memoravam a Lei Áurea com a Prova 13 de Maio, corrida pedestriana, e a romaria ao túmulo de Luís Gama e Antônio Bento, no Cemitério da Consolação, ambas promovidas pelo Clube Negro de Cultura Social.

Em 1938, as conferências realizam-se no Palácio do Trocadero, sede do Departamento de Cultura, no centro, bem perto do Teatro Municipal, espaço da elite que acolhe o ápice do evento – uma sessão solene em 2 de maio. Intelectuais negros e brancos, como Mário, Arthur Ramos, Justiniano Costa e Lino Guedes, conferencistas, discutem questões cruciais, contando com a cobertura da imprensa. Tudo corre bem até o dia 3 desse mês, quando Ademar de Barros, interventor do Estado Novo em São Paulo, substitui o

---

2 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo / Instituto de Estudos Brasileiros / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

prefeito Fábio Prado por Francisco Prestes Maia. Mário de Andrade demite-se. Em 9 de maio, Francisco Pati é nomeado para o cargo, cabendo-lhe encerrar a programação na data prevista, no Trocadero. A festa do dia 13 é cancelada e os negros mantêm romaria aos túmulos dos abolicionistas.

Ao que se pode apurar da leitura dos jornais de 11 de maio, que noticiam unicamente a conferência de Francisco Lucrécio, *A liberdade e o negro*, Mário de Andrade não comparece ao Trocadero em 10 de maio de 1938. Seu ensaio/conferência, ao qual convergiram 44 notas de trabalho das 346 que compõem o estudo *Preto*, retorna à pasta do manuscrito, onde, na diversidade dos quatorze subtemas por ele pesquisados, três foram eleitos para discutir o preconceito de cor – Apodo, Contra o preto e Superstição<sup>3</sup>.

Retirando-se do Departamento de Cultura, Mário de Andrade muda-se para o Rio de Janeiro no segundo semestre de 1938; regressa à Pauliceia somente em fevereiro de 1941. Em 1939, na então Capital Federal, chega-lhe a carta na qual, em 5 de agosto, Gilda de Moraes Rocha, sua prima<sup>4</sup>, lhe pede opinião sobre um trabalho universitário. Aluna no curso de Sociologia da Religião no Brasil, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ela traduz, de fato, a solicitação do Prof. Roger Bastide. Pela carta seguinte de Gilda, em 11 de agosto, sabe-se da proposta recebida e da escolha feita – “O culto aos espíritos maus no povo brasileiro” –, tema que, ao implicar Exu, supunha a consulta ao inédito *Preto*. Mário lhe dá acesso ao manuscrito. Determina a José Bento Faria Ferraz, o jovem secretário que ficara em São Paulo, essa e outras tarefas:

Com o ‘*Preto*’ é que a porca torce o rabo. Vão aqui os dois trabalhos que pretendo juntar num só e acrescentar. Leia pra entender a escolha que você terá que fazer. Primeiro: tenho um livro sobre *Symbolisme des coulers* ou coisa parecida, que foi daqui praí na última grande remessa. Me mande já. Segundo: passe este meu estudo à Gilda, que fiquei mesmo de lhe enviar. Ela que o leia e o devolva imediatamente a você. Quanto às fichas você pelas que tiverem subtítulo, se desinteressará por todas as que tratarem de história, de escravidão, de anedotas etc. Das outras você terá pacientemente que buscar nos livros pra ver a que se referem. Só me interesse por cor preta como superstição geral europeia ou universal mesmo, provérbios, ditos e quadrinhas. Veja bem: versalhadas semicultas, eruditas ou popularesco-urbanas contra o preto, apodos em desafios, não me interessam. De poesia, só quadrinhas

---

3 Os subtemas classificados são: Gesto, Música, Escravidão, O mulato, Caracteres, Contra o preto, Apodo, Botânica, Contra-ataque, Africanologia/História, Costumes, Mulher de cor, Religião e Superstição.

4 Gilda de Mello e Souza, depois de seu casamento, em 1944, com Antonio Candido, crítico e professor na mesma Faculdade. Distinguiu-se como grande estudiosa da obra de Mário de Andrade.

---

populares, você dando, se possível a região onde foi colhida. Além, está claro, da referência bibliográfica, pelos números (não se engane) pois tenho cópia aqui”<sup>5</sup>.

Este trecho da missiva a José Bento guarda informações relevantes sobre o escritor e a moça universitária que com ele se aconselha, em 1939. Indica que a pesquisa sobre o negro não é interrompida depois da publicação do artigo “Linha de cor”, em 29 de março desse mesmo ano, n’*O Estado de S. Paulo*, e que, apesar disso, a escritura do ensaio não se finaliza até a morte de Mário de Andrade, em 25 de fevereiro de 1945. Indica, também, o interesse de Gilda de Moraes Rocha pela cultura do negro, no correr da formação intelectual dela. Em janeiro de 1942, já na vertente da crítica literária em que logo se distinguirá, sai na *Revista Acadêmica*, o artigo dela, “A poesia negra norte-americana” (SOUZA, 1942).

Depois do falecimento de Mário, a edição de suas Obras Completas pela Livraria Martins, em São Paulo, conforme o plano do autor que, em 1942, envolve obras já publicadas e inéditos, prossegue, graças à colaboração de parentes e amigos. Em 1955, a musicóloga Oneida Alvarenga, encarregada de preparar o volume XIII – *Aspectos do folclore no Brasil*, encontra dificuldade em localizar os manuscritos dos “Estudos sobre o negro” para comporem a parte terceira do livro, precedidos do ensaio “O folclore no Brasil” e de “Nótulas folclóricas”. Acompanhada de Gilda, vai ao arquivo de seu mestre (ALVARENGA, 1974, p. 18), e certamente não esmiúça o dossiê do manuscrito *Preto*, onde se acha a conferência sem título. O volume XIII torna-se, então, *Música de feitiçaria no Brasil*, também uma grande pesquisa inacabada. Oneida Alvarenga assume essa incumbência bem mais complexa; a obra chega às livrarias em 1963.

*Cinquentenário da Abolição* é difundido aqui, na *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, em texto por mim apurado, com atualização ortográfica pela regra vigente, enriquecido com notas da edição que decodificam os diálogos das notas de trabalho do escritor com obras em sua biblioteca, e oferecem indicações de cunho histórico, no intuito de melhor entrosar os leitores. Esta versão estará, brevemente, na tiragem do inédito *Aspectos do folclore no Brasil*, por mim organizado, anotado e prefaciado que materializará o projeto original para o título, no protocolo de edições fidedignas de obras de Mário de Andrade preparadas pela equipe Mário de Andrade do IEB-USP.

---

5 A carta, sem data, de MA a José Bento Faria Ferraz, por força da ligação com a de Gilda de Moraes Rocha a seu primo escritor, em 11 de agosto de 1939, coloca-se como posterior a essa data. Trecho transcrito em MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: A epistolografia de Mário de Andrade*. Edusp, 2007, p. 198.

No texto, Mário de Andrade coloca referências numéricas que se ligam à sua *Bibliografia de releituras para* Na pancada do ganzá, vasta listagem de títulos ou fontes de trabalhos dele, sobretudo na esfera do folclore e da cultura popular, foi por ele desenvolvida de 1929 a 1944. Notas como “(270, 134)” designam, no primeiro algarismo, autor e obra, e, no segundo, a página onde se localiza a contribuição colhida. A presente edição preferiu deslocar para o rodapé este tipo de indicação designando-a como Nota MA; a seguir, entre colchetes, identifica o título da obra consultada, a edição, a página que guarda a informação; quando ali está nota autógrafa do escritor, a ela justapõe outra Nota MA, para transcrever essa anotação. As Notas MA são majoritariamente a grafite. A *Bibliografia* reporta-se, na maioria das vezes, a títulos na biblioteca de MA; inclui também livros e revistas nas estantes do amigo Yan de Almeida Prado, em São Paulo, e de Pio Lourenço Correa, primo residente em Araraquara, apontadas como “Yan” e “Pio”.

### Referências

ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1974.

GRILLO, Angela Teodoro. *Processo de criação do estudo Preto, um inédito de Mário de Andrade*. Dissertação de Mestrado em Letras.. FFLCH-USP, 2010.

MICELI, Sergio & MATTOS, Franklin de (orgs.). *Gilda, a paixão pela forma*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul/Fapesp, 2007,

SOUZA, Gilda de Mello. A poesia negra norte-americana. In: *Revista Acadêmica*, nº59. Rio de Janeiro, 1942.

### Cinquentenário da Abolição

[Mário de Andrade]

Senhores,

Na sessão solene realizada pelas associações negras de São Paulo no dia dois de maio passado, não pude deixar de sorrir melancolicamente ouvindo um dos oradores negros da noite falar em “negros de alma de arminho”. Assim, era ele mesmo, um negro, a esposar essa fácil e trágica antinomia de origem branco-europeia, pela qual se considera a cor branca simbolizadora do Bem e a negra simbolizadora do Mal. Mas não é apenas este orador negro a esposar a detestável tradição branca de simbolismo das cores. Conta Paulo Prado<sup>6</sup> que era

---

<sup>6</sup> Nota MA: “(270, 134)” [PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Tip. Duprat-Mayença, 1928; p. 134: presença do apodo citado].

costume entre os negros a frase feita “negro sim, porém direito”, da mesma forma com que os brancos carinhosamente (carinhosamente?) diziam dos escravos velhos serem “negros só na cor”, como registrou Vieira Fazenda, ou mais geralmente até agora falar-se em “negro com alma de branco”, ou “com alma branca”. Em Portugal correu também o provérbio:

Ainda que negro é,  
Alma tem, honra e fé<sup>7</sup>.

Se qualquer de nós, brasileiros, se zanga com alguém de cor duvidosa, e quer insultá-lo, é frequente chamar-lhe:

- Negro!

Eu mesmo já tive que suportar esse possível insulto em minhas lutas artísticas, mas parece que ele não foi lá muito convincente nem conseguiu me destruir pois que vou passando bem, muito obrigado.

Mas é certo que se insultamos alguém chamando-lhe “negro”, também nos instantes de grande carícia, acarinhamos a pessoa amada chamando-lhe “meu negro”, “meu nêgo”, em que, aliás, socialmente falando, mais verdadeiro apodo subsiste, o resíduo escravocrata do possessivo: negro sim, mas *meu*...

No Brasil não existe realmente uma linha de cor. Por felicidade entre nós negro que se ilustre pode galgar qualquer posição: Machado de Assis é o nosso principalíssimo e indiscutido clássico da língua portuguesa e é preciso não esquecer que já tivemos Nilo Peçanha na presidência da República.

Mas semelhante verdade não oculta a verdade maior de que o negro entre nós sofre daquela antinomia branco-europeia que lembrei de início, e que herdamos por via ibérica. Isso talvez possa um bocado consolar o negro da maioria dos apodos que o cobrem. É ver que o branco, o possível branco o despreza ou insulta exclusivamente por superstição. Pela superstição primária e analfabeta de que a cor branca simboliza o Bem e a negra simboliza o Mal.

Não é porque as culturas afronegras sejam inferiores às europeias na conceituação do progresso ou na aplicação do individualismo; não é, muito menos, porque as civilizações

---

7 Nota MA: “(204, 11)”. [CAMARA, Paulo Perestrelo da. *Coleção de provérbios, adágios, rifões, anexins, sentenças morais e idiotismos da língua portuguesa*. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1848; p. 11: presença do apodo citado. Nota MA na *Bibliografia de releituras para Na pancada do ganzá*: “Pio”. Obra consultada no site: <[http://purl.pt/6410/6/sc-33770-p\\_PDF/sc-33770-p\\_PDF\\_24-C-R0150/sc-33770-p\\_0000\\_capa-cap\\_a\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/6410/6/sc-33770-p_PDF/sc-33770-p_PDF_24-C-R0150/sc-33770-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf)> . Acesso em: 5 nov. 2013].

negras sejam civilizações “naturais”; não foi inicialmente por nenhuma inferioridade técnica ou prática ou intelectual que o negro se viu depreciado ou limitado socialmente pelo branco: foi simplesmente por uma superstição de cor. Na realidade mais inicial: se o branco renega o negro e o insulta, é por simples e primária superstição.

Em quase todos ou todos os povos europeus, o qualificativo “negro”, “preto”, é dado às coisas ruins, feias ou maléficas. E por isso nas superstições e feitiçarias europeias e consequentemente nas americanas, a cor preta entra com largo jogo. Já Leite de Vasconcelos<sup>8</sup> o observou muito bem. Hermann Urtel<sup>9</sup> refletindo que seria porventura o aspecto exterior rebarbativo dos judeus que os tornou culpados das atribuições de feitiçaria que os portugueses lhes davam, conclui que, esse foi certamente o caso dos negros. Aliás entre os próprios negros africanos a antítese branco-negro pra simbolizar o Bem e o Mal persiste, sendo difícil já agora dizer se tradição deles mesmos ou lhes transmitida pelos brancos europeus.

Os hotentotes, os congueses e outros povos bantos guardam a tradição de um castigo que lhes teria dado a inferioridade de cor. Entre certas tribos de Moçambique grassa uma lenda curiosa que parece inspirada no caso bíblico de Noé. Lá se conta que uma vez o bom deus Mulúcu tendo tomado uma bebedeira, tirou as roupas e caiu nu no meio da estrada. Então passaram os africanos e caçoaram de Mulúcu. Depois passaram os europeus que o cobriram de folhagem pra esconder o ridículo do deus nu. E Mulúcu, por isso, castigou os africanos tirando a inteligência deles e lhes dando a cor preta. Porém, macacos me mordam, se não foi algum europeu que botou esta malvadeza no lendário dos moçambiques... A cor preta é sinistra, e para os europeus simboliza tristeza e luto. Na Beira Baixa registrou-se a quadrinha:

Chita preta, chita preta,  
Chita preta enrançada,  
Por causa da chita preta  
Ando triste, apaixonada<sup>10</sup>.

---

8 Nota MA: “(115, X, 74)”. [VASCONCELOS, Leite de. CANÇÕES DE BERÇO. *Revista Lusitana*, v. 10, nº 1-2. Lisboa, 1907, p. 1-86; p. 74: presença do apodo citado]. Nota MA na *Bibliografia de releituras para* Na pancada do ganzá: “já li até o n. XXXI”. Nota da edição| *A Revista Lusitana* frequentada por MA na biblioteca de Pio Lourenço Correa, em Araraquara e ali não mais existente.

9 Nota MA: “(86, 80)”. [URTEL, Hermann. *Beiträge zur portugiesischen Volkskunde*. Hamburg: Kommissionsverlag L. Friederichsen & Co., 1928; p. 80: Nota MA: tradução de palavras].

10 Nota MA: “(115, XI, 108)”. [AMARAL, A. Monteiro do. TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM DE ATALAIA. *Revista Lusitana*, v. 11, nº 1-2. Lisboa, 1908, p. 96-163; p. 108: presença do apodo citado].

“Casa Maria com Pedro? Casamento negro”, dizem no Turquel<sup>11</sup>; e entre os provérbios e frases feitas portuguesas, registrados por Perestrelo da Câmara vem a comparação: “negro como a alma do diabo”<sup>12</sup>.

Na feitiçaria e na superstição europeias agem o galo preto, o gato preto, o porco preto, a ovelha preta, o papão negro, o bode preto etc. Em Portugal se diz que é bom ter sempre uma galinha preta em casa, porque as desgraças cairão todas sobre a ave<sup>13</sup>, ao que em Vila Nova de Famalicão se especifica melhor que a galinha preta afugenta qualquer doença<sup>14</sup>. Em Vila Real a borboleta branca é sinal de boa notícia, e a preta de má, pelo que a matam<sup>15</sup>. No Alentejo galo cantando de-noite todas as coisas se espalham, e se é preto então a desgraça ainda é maior<sup>16</sup>.

Na feitiçaria o preto é também duplamente usado: 1º como cor do mal; 2º mas tão detestável que afugenta o próprio mal. O bode preto é o das bruxas e bruxedos europeus, que veio feminilizar-se, entre nós, na cabra preta dos catimbós e candomblés. Num curioso texto português setecentista, AS BRUXAS NAMORADAS, elas invocam o bode preto diabólico pela boca de Bruxamaia<sup>17</sup>; em decassílabos mais ou menos frouxos:

Correi da ferra, ó bodes cor da noite,  
Acendei com as caudas a fogueira!

No *Auto das fadas* de Gil Vicente o galo é preto, o gato é preto, o bode é preto, o corvo e o pez são pretos. E mais: o próprio “sino samão” o signo de Salomão, está:

metido num coração

11 Nota MA: “(115, XXVIII, 180)”. [RIBEIRO, José Diogo. LINGUAGEM POPULAR DE TURQUEL. *Revista Lusitana*, v. 28, nº 1-4. Lisboa, 1930, p. 87-244; p. 180: presença do apodo citado].

12 Nota MA: “(204, 116)”. [CAMARA, P. Perestrello da. Op. cit.; p. 116: presença do apodo citado].

13 Nota MA: “(151, 196)”. [VASCONCELLOS, Leite de. OS ANIMAIS. In: *Tradições populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel & Cia Editores, 1882, p. 130-199; p. 196: “A galinha preta em casa livra de coisa má, porque esta acanhará a ave negra e não a gente”].

14 Nota MA: “(115, XXVIII, de 1930, pg. 279)”. [LIMA, Fernando de Castro Pires de. APONTAMENTOS DE TERAPÊUTICA POPULAR. *Revista Lusitana*, v. 28, nº 1-4. Lisboa, 1930, p. 279-281; p. 279: “Não entram doenças nas casas em que houver uma galinha preta ou uma ferradura à porta”].

15 Nota MA: “(115, X, 216)”. [PEREIRA, A. Gomes. TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM DE VILLA REAL. *Revista Lusitana*, v. 10, nº 1-2. Lisboa, 1908, p. 122-23; p. 216: “17. A borboleta branca é sinal de boa notícia e a negra de má (morte, etc.), e por isso deve matar-se”].

16 Nota MA: “(115, X, 301)”. [PIRES, A. Thomaz. INVESTIGAÇÕES ETHNOGRÁFICAS. *Revista Lusitana*, v. 10, nº 1-2. Lisboa, 1908, p. 298-305; p. 301: “Em cantando os galos de noite, todas as cousas se espalham. E os que têm mais *virtude* são os galos pretos”].

17 Nota MA: “(115, XI, 256)”. [PIRES, A. Thomaz. INVESTIGAÇÕES ETHNOGRÁFICAS. *Revista Lusitana*, v. 11, nº 1-2. Lisboa, 1908, p. 248-268; p. 256: presença dos versos citados na passagem do idílio 7 de AS BRUXAS NAMORADAS].

de gosto preto<sup>18</sup>

Mas que o preto chegue a horrorizar as próprias bruxas europeias, não há dúvida. Leite de Vasconcelos ainda uma vez colheu um refrão usado pelas bruxas portuguesas de Alcobça que diz assim:

Galo branco?  
 Não me espanto.  
 Galo loiro?  
 É agoiro.  
 Galo preto?  
 Não me meto<sup>19</sup>!

E essa é a crença mais universal, como prova outro autor, pela *Revista Lusitana*, v. 21<sup>20</sup>. A cor preta é tão horrível que é da maior eficácia como exorcismo, usada pra afastar bruxedos e feitiçarias e quase todos os malefícios extranaturais.

Em todo caso é possível por motivos econômicos não ser muito exigente com a cor negra... É ainda em Portugal (Turquel) que corre o provérbio condescendente:

Negro é carvoeiro  
 Branco é o seu dinheiro<sup>21</sup>.

Esta a superstição primeira, pueril e depreciativa, que botou os negros no ostracismo do Bem. Não se trata de uma questão antropológica, nem da estupidez de um Gobineau<sup>22</sup> ou de um ariano, nem de uma comparação de culturas: se trata de uma simples superstição de cor, anterior ao convívio histórico de pretos e de brancos, que se descarregou sobre as raças negras dominadas. Aplicou-se ao preto homem o que se dera à cor preta fosse na chita ou no pelo do bode. E o homem preto chega por isso a ser o próprio diabo. Quando este aparece, no famoso desafio que teve com Manuel do Riachão, aparece na pessoa de um negro.<sup>23</sup> Lindolfo

18 Nota MA: “(151, 131)”. [VASCONCELLOS, Leite de. *Tradições populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel & Cia Editores, 1882. À p. 131: Vasconcellos transcreve trecho sobre feitiçaria de *Autos das fadas* de Gil Vicente].

19 Nota MA: “(115, XX, 55)”. [RIBEIRO, José Diogo. TURQUEL FOLCLÓRICO. *Revista Lusitana*, v. 20, nº 1-2. Lisboa, 1930, p. 54-80; p. 55: presença do apodo citado].

20 Nota MA: “(Conf. 115, XXI, 37 e ss.)”. [ADRIÃO, José Maria. RETRATOS DE UM ADAGIÁRIO. *Revista Lusitana*, v. 21, nº 1-2. Lisboa, 1930, p. 33-57; p. 37-40: o autor focaliza práticas de feitiçarias em diferentes locais, como Portugal, França, Cabo Verde, Prússia, Grécia, Índia, Tailândia, Sri Lanka].

21 Nota MA: “(115, XXVIII, 188)”. [RIBEIRO, José Diogo. LINGUAGEM POPULAR DE TURQUEL. *Revista Lusitana*, v. 28, nº 1-4. Lisboa, 1930, p. 88-244; p. 188: presença do apodo citado].

22 Nota da edição| Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) diplomata francês, escritor etologista e filósofo, cuja teoria sobre o determinismo racial teve grande influência no desenvolvimento de políticas racistas na Europa. Segundo ele, a mistura de raças era inevitável e levaria a espécie humana a graus sempre maiores de degeneração física e intelectual. Escreveu *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853).

23 Nota MA: “(59, V, 36)”. [O número 59 refere-se ao conjunto de documentos no arquivo de MA, intitulado por ele *Fundo Villa-Lobos*, recebido do compositor em 1929. Reúne farta documentação da literatura oral

Gomes<sup>24</sup> lembrando a tradição do “negro velho” em cima do telhado, que recolheu em Minas, verifica também que ele é o símbolo do demônio, a quem o povo ainda chama de “negro sujo”. Às vezes, pela cor que tem, é um valor exorcístico, afasta as desgraças e dá felicidade; outras vezes, pela cor que tem, é um valor invocativo, chama as desgraças. Preso por ter cão, preso por não ter cão...

Já em Portugal<sup>25</sup> ver uma mulher preta dá infelicidade mas ver um preto dá felicidade; ver um casal é felicidade garantida. No Nordeste brasileiro ver um padre e depois um soldado traz felicidade, mas ver um padre e depois um negro traz desgraça.<sup>26</sup> Em Barretos<sup>27</sup> viajante encontrando negro velho na estrada é sinal de desastre na viagem. Entre outras superstições colhidas por Edmundo Krug<sup>28</sup> em nosso Estado, preto vestido de branco dá possibilidades da gente se avistar com a pessoa amada e a contagem de pretos entra nas sortes de amor e nas da loteria, mas também ver preto cambaio é sinal de desgraça e sonhar com preto conhecido é doença, desgosto ou a própria morte na família.

Todas estas observações podem ser mesquinhas como elevação moral do homem branco ou muito interessantes como folclore, mas é realmente trágico a gente verificar que foi duma simples superstição inicial, uma questão de cores-símbolos que o branco derivou o seu repúdio, a sua repulsa por toda uma larga porção da humanidade, as raças negras. E os pretos foram desde então e desde sempre cobertos de apodos cruéis, vício a que desgraçadamente o brasileiro também se associou. E os negros começaram a ser insultados pelos brasileiros como gente ruim ou inferior, só por causa da cor.

---

brasileira. Nesta nota, especificamente, trata-se de um trecho do cordel DESAFIO DO MANUEL DO RIACHÃO COM O DIABO].

24 Nota MA: “(265, II, 98)”. [GOMES, Lindolfo. CANTIGAS DO ADORMECER. In: *Contos populares: narrativas maravilhosas e lendárias seguidas de cantiga de adormecer. Da tradição oral do Estado de Minas. São Paulo: Melhoramentos, s. d, v. 2, p. 98: Nota MA: “Preto” e traço ligando o trecho: “Quem se der ao estudo de tão evocadoras cantigas verá que, em muitas delas, figuram seres míticos, fantásticos e lendários (a coca (1), o papão; figuras sinistras, negro velho (2) em cima do telhado” à nota: “(2) Este negro velho é o símbolo do demônio, a quem o povo trata de *negro sujo*. Curutu é a voz onomatopaica para infundir o pavor”].*

25 Nota MA: “(86, 80)”. [URTEL, Hermann. Op. cit.; p. 80: Nota MA: tradução de palavras].

26 Nota MA: “(Inquérito do *Diário de S. Paulo* 2-II-1930)”. [Trata-se da seção INQUÉRITO, mantida por três meses, coligindo contribuições dos leitores sobre lendas e superstições. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 2 fev. 1930; p. 3: presença do apodo citado. Periódico consultado no Arquivo Público do Estado São Paulo].

27 Nota MA: “(mesmo Inquérito 6-II-930)”. [Documento do mesmo periódico e seção; 6 fev. 1930; p. 3: presença do apodo citado].

28 Nota da edição| Edmundo Krug, um dos leitores que contribuíram para o INQUÉRITO do jornal referido. Estudioso do folclore; na biblioteca de Mário de Andrade encontram-se duas obras de sua autoria: *A superstição paulistana* (São Paulo: Typ. Brasil Rothschild, 1910) e *Curiosidades da superstição brasileira: moléstias, remédios, curas, etc.* (São Paulo: Gráfica Paulista, 1938).

Na sessão solene de dois de maio passado, outro escritor de origem negra, Fernando Góes,<sup>29</sup> trouxe à baila vários documentos para provar essa inferioridade em que o branco concebe o negro no Brasil. Mas a sua documentação me pareceu na realidade pouco convincente como preconceito de cor, porque quase toda ela podia ser convertida no problema maior de classe. Eram documentação de classe e não de cor. Se um grupo de senhoras da elite funda uma escola para moças de cor com o fito de formar boas cozinheiras, é certo que não formariam escolas de operárias brancas para educá-las em senhoras de elite. Formariam boas costureiras, boas manicuras ou mais largamente boas donas de casa, como o provam as “escolas domésticas” existentes no Brasil e onde entram pretas como brancas e desta e outra classe.

Da mesma forma: se um pai burguês recusar sua filha branquinha em casamento a um negro – o que não é uma lei entre nós – é profundamente certo que a recusará mais peremptoriamente e com bastante razão, a um sapateiro ou maquinista de qualquer cor. O preconceito de cor existe incontestavelmente entre nós. Porém, me parece que na sua complexidade e sutileza temos que não confundi-lo com um problema de classe, não só para não exagerá-lo em sua importância, como para lhe dar melhor luz de ciência e não enfraquecê-lo em suas provas legítimas.

Nesse sentido, creio que não há melhor jeito de provar a existência do preconceito do que buscando a sua documentação no folclore. E então veremos essa coisa espantosa do próprio povo inculto esposar o preconceito e cobrir o negro de apodos, pelo simples fato de ser negro. Aqui não se trata evidentemente mais de uma confusão de problemas similares, mas não idênticos, como são os de classe e os de raça: é exclusivamente um problema de cor.

Os provérbios de apodo são numerosos. Eis alguns:

Em festa de branco,  
Negro não se mete<sup>30</sup>

Negro comendo com branco,

---

29 Nota da edição| Fernando Ferreira de Góes (1915-1979), poeta e jornalista, ligado à imprensa negra: *Alvorada* (redator), *Tribuna Negra* (secretário) e *Niger* (colaborador). Participou das comemorações do Cinquentenário da Abolição, em 2 de maio de 1938. *O Estado de S. Paulo*, do dia seguinte, sem mencionar título ou tema, informa: “A conferência do sr. Fernando Góes foi vivamente aplaudida pelo auditório e pelos componentes da mesa, tendo sido diversas vezes interrompida pelos aplausos, foi o número final do programa da sessão solene no Teatro Municipal”.

30 Nota MA: “(266, X de 1931, p. 132)”. [AMARAL, Amadeu. OS DITADOS QUE REALMENTE SE DIZEM. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 37, ano 22, nº 118, Rio de Janeiro, outubro de 1931, p. 115-132; p. 132: Nota MA: escólio “negr[o] (Baía)” à margem e grifo em palavra do ditado: “Em festa de branco, negro não se mete – Corresponde a: ‘Em festa de macuco, nambu não pia”].

A comida é do negro;  
 Negro em pé é um toco,  
 E dormindo é um porco;  
 Negro é como trempe,  
 Quando não queima, suja<sup>31</sup>;  
 Negro que não gosta de mel,  
 É ladrão de cortiço;  
 Negro quando não suja na entrada,  
 Na saída é certo;  
 Quando o negro não quer fava,  
 Fava no negro;  
 Matolotagem de negro,  
 Não salta riacho;  
 Negro não come gostoso  
 Porque não espera cozinhar<sup>32</sup>

Eis mais outros provérbios nordestinos:

Negros, criá-los, depois vendê-los;  
 Mulatos, criá-los, depois matá-los;  
 Quem mata mulato é capricho;  
 Negro ensaboado,  
 Tempo perdido,  
 Sabão desperdiçado<sup>33</sup>

Há toda uma série de provérbios detestáveis pra demonstrar pelas variantes de vocabulário a distinção entre o branco e o negro. São os provérbios em que se nega ao negro o direito de usar pra si, palavras usadas em relação aos brancos nos seus atos tanto individuais como sociais. Eis alguns:

Negro não fala,  
 Resmungo;  
 Negro não come,  
 Babuja;  
 Negro não dorme,  
 Cochila;  
 Negro não pare,  
 Estóra;  
 Negro não nasce,  
 Aparece<sup>34</sup>;  
 Negro não namora,

31 Nota MA: “(Rev. da Academia Brasileira de Letras, I de 1931, ps. 58 a 60)”. [MOTTA, Leonardo. PARAMIOLOGIA NACIONAL. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano 22, v. 35, nº 109, Rio de Janeiro, jan. 1931, p. 45-63; p. 60: Nota MA: indicação “preto” e traço à margem dos três apodos citados].

32 Nota MA: “(Rev. da Ac. B. de Letras nº XII de 1930, os - 387 a 483)”. [MOTTA, Leonardo. FILOZOFIA POPULAR BRAZILEIRA. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano 21, v. 34, nº 108. Rio de Janeiro, dez. 1930, p. 387-405; p: 387, 403: presença dos apodos citados].

33 Nota MA: “(176, ps. 153, 154, 237, 245)”. [MOTTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. Rio de Janeiro: Of. Industrial Graphica, 1930; p. 153, 154, 237 e 245: presença dos apodos citados].

34 Nota MA: “(645, 54)”. [CARVALHO, Rodrigues. ASPECTOS DA INFLUÊNCIA AFRICANA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL. In: FREYRE, Gilberto et al. (Org.). *Novos estudos afro-brasileiros*. (Segundo tomo). Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife. Prefácio de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. (Biblioteca de Divulgação Científica, v. 9); p. 54: presença do apodo citado].

Embirra<sup>35</sup>;  
 Negro não acompanha santo,  
 Corre atrás;  
 Negro não casa,  
 Se ajunta<sup>36</sup>

Não querendo insistir neste gênero de provérbios colhidos aqui e além, lembro apenas que Sílvio Romero<sup>37</sup> ainda enumera outros mais, numa lenga-lenga que colheu da própria boca de pretos, e à qual eles chamavam de “Padre Nosso do Negro”!

Outro provérbio bem cruel é aquele registrado por Afrânio Peixoto nas *Miçangas*.

Abelha preta é arapuá,  
 Tempero de negro é manguá<sup>38</sup>

Manguá é pau no sentido de sova.

E também:

Mulato em burro é lacaio<sup>39</sup>

Há outro provérbio ainda crudelíssimo, colhido por Martius<sup>40</sup> em Minas e cuja parte central omitirei:

As brancas são pra casar,  
 As mulatas pra f...  
 As negras pra servir.

Outro ainda é o [que] se originou dos “andas” como se dizia outrora, os escravos vestidos apuradamente, destinados a carregar suas senhoras nos veículos coloniais. Usavam luvas, donde o provérbio:

Negro de luva  
 É sinal de chuva<sup>41</sup>

35 Nota MA: “(176, 241)”. [MOTTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. Ed. cit.; p. 241: presença do apodo citado].

36 Nota MA: “(Rev. da Ac. B. de Letras, I, de 1931, p. 56 e ss.)”. [MOTTA, Leonardo. PARAMIOLOJIA NACIONAL. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano 22, v. 35, nº 109. Rio de Janeiro, jan. 1931, p. 45-63; p. 58: Nota MA: “Negro” e traço à margem do apodo “Negro comendo com branco, a comida é do negro”. À p. 59 Nota MA: “Preto” e traço ligando os apodos “Negro em pé é um toco, dormindo é um porco.” com “Negro não casa, se ajunta”].

37 Nota MA: “(339, 88)”. [ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1888. Obra consultada no site: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01614300#page/90/mode/1up>>. Acesso em: 5 nov. 2013].

38 Nota MA: “(287, 68)”. [PEIXOTO, Afrânio. ADÁGIOS BRASILEIROS. In: *Missangas: Poesia e folklóre*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1931, p. 61-106; p. 68: Nota MA: cruzeta à margem do apodo citado].

39 Nota MA: “(287, 83)”. [PEIXOTO, Afrânio. Op. cit.; p. 83: presença do apodo citado].

40 Nota MA: “(134, I, 303)”. [SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. v. 1. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823; p. 303: os autores focalizam o tratamento dado a negras escravas como “mulheres de cama”].

Que também se diz em São Paulo, piorando o apodo:

Macaco de luva,  
Sinal de chuva.

Esta equiparação nacional do negro ao macaco, bem que pro estrangeiro sejamos todos uns “macaquitos”, deu também o ditado que indica ser alguém um mulato, “coçar a orelha com o pé”, que Amadeu Amaral já estudou<sup>42</sup>.

Se abandonarmos os prolóquios e enveredarmos pela poética e pela canção populares os apodos continuam, ou melhor aumentam de força. Houve aparentemente o interregno do lundu, no século XIX, em que o texto tinha como principal motivo o elogio da graça, da beleza e do valor sensual da mulatinha de caroço no pescoço, ou da mucama bonita. Mas ainda aí o apodo ou a depreciação subsiste virtualmente, porque uma das características mais permanentes do lundu é a comicidade.

O lundu é um fenômeno social muito parecido com o da ópera cômica italiana, em que a ópera erudita, a ópera das classes chamadas superiores, abandonou o assunto nobre, os temas da Antiguidade clássica pelos da popularidade contemporânea. Mas pondo o povo em cena, a ópera erudita se transformou de ópera séria em ópera cômica, ópera bufa, como se o elemento popular não fosse dramático mas apenas bufão e capaz de ridículo.

O fenômeno da modinha e do lundu de salão, na primeira metade do século dezanove brasileiro, é absolutamente idêntico. A modinha cantava as ninfas alvas e os amores elevados ao passo que o lundu cantava as mulatinhas e negras e os amores fáceis e brejeiros. A modinha era séria e virtuosa. O lundu, cômico e apimentado. E num deles, *Gosto da negra*, que colhi em Bragança, o estribilho denuncia francamente o preconceito de cor:

Que bem m'importa  
Que falem de mim:  
Gosto da negra

41 Nota MA: “(330, 131)”. [EDMUNDO, Luís. OS TRANSPORTES. In: *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 163. Rio de Janeiro, 1932, p. 125-136; p. 131: presença do apodo citado].

42 Nota MA: “(226, setembro de 1931, p. 9)”. [AMARAL, Amadeu. OS DITADOS QUE, DE FATO, SE DIZEM. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano 22, v. 37, nº 118. Rio de Janeiro, set. 1931, p. 5-13; p. 9: “Coçar as orelhas com os pés – Diz-se dos mulatos. Aparentemente não há senão uma imagem para declarar que o indivíduo é “cabra”. Mas este não é o único animal que se coça com a pata: o que induz a desconfiar que alguma outra origem terá tido esse dito. Reza um anêxim francês ‘Il ne se mouche pas du pied’ (ele não se assoa com o pé). Vale o mesmo que dizer de uma pessoa que é bem educada e de boas maneiras. Informa L. Martel que a frase nasceu do fato de que os artistas de feira, gente de baixa condição, entre as diferentes sortes que costumavam fazer, executavam essa de passar o pé pelas ventas, como quem se assoava. A explicação não é lá muito satisfatória; mas enfim sempre se colhe de tudo isto, por enquanto, que há em francês um ditado análogo ao nosso tanto na forma como no fundo”]. Nota da edição| Equívoco de MA, esta indicação refere-se ao nº 266.

Mesmo assim.

Mas o lundu é sempre o mesmo caso sutil em que o problema da cor pode se confundir com o problema de classe. Vejamos na poética popular, em que a luta de classes necessariamente não existe. O grande romancista paraibano Lins do Rego, no seu *Banguê*<sup>43</sup>, registra duas quadrinhas tão ignominiosas pro negro que não tenho forças pra dizê-las, são violentas por demais. Rodrigues Carvalho, porém registrou esses mesmos versos e variantes deles, também cheias de insultos aos negros, porém mais fáceis de dizer:

Dorme o branco em camarinha,  
O caboclo no terreiro,  
Mulato atrás, na cozinha,  
Negro embaixo do poleiro.

O branco é filho de Deus,  
O mulato é enteado,  
O cabra não tem parente,  
E negro é filho do Diabo<sup>44</sup>

No desafio do cantador branco Bernardo Cintura, da Serra do Borborema, com o negro Francisco Bernardo, o branco tem pro negro este remoque duro, em que desrespeita até padres negros:

Se o padre é branco, diz missa,  
Sendo preto está mentindo;  
Preto nasceu pra cachorro,  
E o jeito é morrer latindo.

Eis uma curiosa quadra goiana bulindo com a loquacidade dos negros:

Negros de Paracatu,  
São negros de pé rapado;  
Mas bula com a língua deles  
Que salta um advogado<sup>45</sup>

Outra nordestina que indica que o negro não tem valor:

Sapato véio é chinelo,  
Coisa ruim é geringonça,  
Negro preto, bem retinto,

43 Nota MA: “(484, 258)”. [REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934; p. 258: Nota MA: “Preto” e chave selecionando os dois apodos]. Nota da edição. A passagem do romance trata de conflito entre engenhos. O dono do engenho Santa Fé, negro, reclama ao coronel do engenho Santa Ana do feitor Nicolau, por este molestar seus trabalhadores e sua família, dizendo: “– Não trabalho em bagaceira de negro./ Branco Deus o fez./ Mulato Deus pintou./ caboclo bufa de porco./ Negro o diabo cagou” e “Branco dorme na sala./ Mulato no corredô/ Caboclo na cozinha/ Negro no cagadô”.

44 Nota MA: “(645, 55 e ss)”. [CARVALHO, Rodrigues. Op. cit.; p. 55: presença dos apodos citados].

45 Nota MA: “(266/ II de 1933, p. 201)”. [GOMES, Lindolfo. FOLCLORE. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano 24, v. 41, nº 134. Rio de Janeiro, fev. 1933, p. 182-205; p. 201: presença do apodo citado].

Se chama cumê de onça<sup>46</sup>

Mais outra portuguesa:

O preto vai na tumba  
C'o seu dente arreganhado,  
Padre cura vai dizendo  
– Saca fora, cão danado<sup>47</sup>!

Variante ou variada da célebre quadrinha nossa:

Negro preto quando morre  
Vai na tumba de banguê;  
Os compadre tão dizendo:  
– Urubu tem que cumê.

Ainda variada entre nós, da seguinte maneira:

Negro velho quando morre  
Tem catinga de xexêu,  
Permita Nossa Senhora  
Que negro não vá ao céu<sup>48</sup>

Ilação do provérbio “quando negro não quer fava, fava no negro”, Luís Edmundo conheceu a quadrinha popular:

Comida de negro brabo:  
Quatro laranjas num gaio,  
Uma cuia de farinha,  
Cinco ponta de vergaio<sup>49</sup>

E esta pernambucana:

Do Recife pra Goiana  
Os vales já se acabou,  
Carreira de velho é chouto,

---

46 Nota MA: “(59, I, 132)”. [CABÔQUINHA, sem referência autoral. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

47 Nota MA: “(115, XVII, 138)”. [SOARES, Urbano Canuto. SUBSÍDIOS PARA O CANCIONEIRO DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA. *Revista Lusitana*, v. 17, nº 1-2. Lisboa, 1914, p. 135-158; p. 138: presença do apodo citado].

48 Nota MA: “(603, 87)”. [BRANDÃO, Alfredo. OS NEGROS NA HISTÓRIA DE ALAGOAS. In: FREYRE, Gilberto et al. (Org.). *Estudos afro-brasileiros*: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1935; p. 87: Nota MA: indicação “Negro” e traço à margem do trecho, destacando onde está o apodo citado: “O caboclo foi sempre considerado como o tipo mais perfeito de estupidez e os negros não perdiam vasa de o achincalhar. Por sua vez, aquele tinha seus arrancos de represália contra estes e assim vivia sempre a invectiva-los: ‘Negro quando não suja na entrada suja na saída’. ‘Negro de pé é um toco, deitado é um porco’. ‘Negro só nasceu para espoleta do branco”].

49 Nota MA: “(330, 384)”. [EDMUNDO, Luís. COZINHA E MESA. In: Op. cit.; p. 384: presença do apodo citado; na mesma página, o autor ao descrever os costumes da época acrescenta: “Resta falar do negro, a pobre besta humana escravizada e que comia o que lhe davam. Por espírito de sórdida economia, atendendo ao preço verdadeiramente irrisório, na época, das nossas frutas, os senhores, em geral, alimentavam os seus cativos com laranja, banana e farinha de mandioca”].

Negro cresceu, apanhou<sup>50</sup>

E esta outra também nordestina:

Negro preto, rabingudo  
Cabeça de bode macho,  
Esse teu beijo de cima  
Já passa pelo debaixo<sup>51</sup>

Cornélio Pires, nos seus *Sambas e cateretês*<sup>52</sup>, registrou ainda três recortados de caipiras paulistas, que são caçoadas cruéis à mulher de cor.

Mas não é só na quadrinha tradicional que os remoques e os apodos chovem sobre o pobre homem de cor. Na literatura de cordel, nos romances e desafios do Nordeste, ainda em nossos dias permanece o vício popular de insultar o negro da maneira mais aviltante. Chega a ser admirável a riqueza de invenção no gosto de insultar que tem o cantador nordestino desde que lhe aparece um negro pela frente. Foi o que fez o ótimo cantador Leandro Gomes ao ver um negro, tirando o mote:

Negro não devia ter  
Nem a água do batismo<sup>53</sup>,  
que glosou à farta

Já num estranho romance do cantador João Martins de Ataíde, *HISTÓRIA DUM PESCADOR*<sup>54</sup>, o preconceito de cor deforma estranhamente o problema do Otelo. Se trata dos amores de uma princesa branca com um negro. Mas o cantador brasileiro, em vez de se apaixonar pelo problema, deforma-o da maneira mais curiosa. Os dois amantes, em vez de nobres e fatalizados pelo destino, são dois monstros repugnantes, acabam castigados e morrem. Salvam-se apenas os bons e, como lá termina o cantador:

Houveram muitos discursos  
E parabéns à multidão.

50 Nota MA: "(396, 269)". [CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*. Paraíba: Livraria S. Paulo, 1928; p. 269: Nota MA: cruzeta ao lado da estrofe e grifo no último verso do apodo citado].

51 Nota MA: "(59, XVII, 199)". [GÍRIA DO NORTE, sem referência autoral. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

52 Nota MA: "(336, ps. 199 e 288)". [PIRES, Cornélio. *Sambas e cateretês*. São Paulo: Unita, 1933; p. 199: Nota MA: "Preto" à margem da letra RECORTE DA NEGRA, cuja 1ª estrofe é: "O zoio da negra/ É zoio de gralha./ Retira negra!/ Não me atrapaia..."]. A segunda indicação não está na p.288 e sim na p. 228: Nota MA: "Preto", à margem da estrofe: "Oia o jeito da negra/ Oia o jeito dela;/ Com a cara preta/ Queném panela;/ Assim mesmo ela diz/ Que é linda e bela/ Mais quem é que quê/ Uma negra daquela". Ainda, na p. 223: Nota MA: "Preto" à margem dos versos: "Ai, ai! Ai! ai!/ Meu Deus do céu!/ O cabelo da negra/ Virou mundêu"].

53 Nota MA: "(59, XVIII, 29)". [UM MOTE, sem referência autoral. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

54 Nota MA: "(59, II, 133 ou folheto nº 50)". [HISTÓRIA DE UM PESCADOR, sem referência autoral. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

Nos desafios o insulto se desmanda livremente. O grande cantador Inácio da Catingueira, que era negro, teve de sofrer muito por causa da cor. Basta recordar o seu célebre desafio com Romano<sup>55</sup> que lhe dizia:

Negro, eu canto contigo  
Por um amigo pedir,  
Visto me sacrificar  
Não me importa de o ferir.

Negro, cante com mais jeito,  
Veja sua qualidade,  
Eu sou branco e sou de vulto  
Perante a sociedade,  
Em vir cantar com você,  
Baixo de dignidade.

Outro cantador negro, Joaquim Francisco, teve que engolir destas, na peleja que teve com José Claudino<sup>56</sup>:

Eu vou dizer a verdade:  
Negro não tem senhoria,  
Não tem reino nem império,  
Nem poder nem fidalguia,  
Negro resmunga e não fala  
E sua casa é a senzala  
Onde vive em gritaria.

Joaquim, eu não sou seu filho,  
Si fosse, só comeria  
Milho, cevada e capim  
E vinte surras por dia,  
Porque negro se sustenta  
Em levar surra e setenta,  
E nunca vergonha cria.

Eis ainda um martelo tirado pelo cego Aderaldo contra José Pretinho do Tucum<sup>57</sup>:

Negro, és um monturo,  
Mulambo rasgado,  
Cachimbo apagado,  
Recanto de muro,  
Perna de tição,  
Boca de purão,  
Beiço de gamela,  
Venta de muela,  
Muleque ladrão.

---

55 Nota MA: “(59, XX, 114 e ss)”. [ROMANO E IGNÁCIO DA CATINGUEIRA. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

56 Nota MA: “(59, XVII, 83)”. [PELEJA DE JOAQUIM FRANCISCO E JOSÉ CLAUDINO. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

57 Nota MA: “(59, V, 96)”. [PELEJA DO CEGO ADERALDO COM JOSÉ PRETINHO DE TUCUM. *Fundo Villa-Lobos*. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP].

Negro é raiz  
Que apodreceu,  
Casca de judeu,  
Muleque infeliz,  
Vai pro teu país  
Sinão eu te surro  
Dou-te até de murro,  
Te tiro o regalo  
Cara de cavalo  
Cabeça de burro.

Negro careteiro  
Eu te rasgo a giba,  
Cara de guariba,  
Pajé feiticeiro,  
Queres o dinheiro,  
Barriga de angu,  
Barba de quando,  
Camisa de saia,  
Te deixo na praia,  
Escovando urubu.

Pra terminar com este rebaixamento total:

Desculpe, José Pretinho,  
Se eu não cantei a seu gosto:  
Negro não tem pé, tem gancho,  
Não tem cara nem tem rosto,  
Negro na sala dos brancos  
Só serve pra dar desgosto.

Vou parar com as citações. No correr das minhas leituras e viagens fui anotando os ditos, as lendas, os provérbios, as quadrinhas, as superstições insultantes ao negro. Agora tive a ideia de lembrá-los hoje, mas a documentação colhida era tão numerosa que tirei dela, sem a menor escolha apenas uma parte menor, que acabei de expor.

Talvez o que disse agora não seja sequer a décima parte da documentação que já colecionei, mas essa parte mínima creio que prova mais que suficientemente que o problema do preconceito de cor, no Brasil, não se confunde com o de classe, pois é no próprio povo inculto, é dentre os operários da cidade e do campo, é da boca das classes supostamente inferiores que vieram os ditos, os provérbios, os apodos e caçoadas cruéis que recenseei. Trata-se exatamente de um preconceito de cor em que os próprios brancos incultos colaboram abundantemente, também eles concordando que:

Negro, na sala dos brancos  
Só serve pra dar desgosto.

Ora, o Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, se já provou que não tem o preconceito de cor quando, em fins de 1936, um grupinho de três ou quatro cantoras desajuizadas pretendeu evitar a colaboração negra em nossos corais. O Departamento de Cultura, nesta celebração do cinquentenário da Lei Áurea, fez questão de trazer os negros para esta “sala de brancos”, a um deles trazendo para este ciclo de conferências comemorativas. É o Dr. Francisco Lucrécio<sup>58</sup>, designado pelas associações negras e que vai nos falar agora.

Resta saber apenas se esta trazida dos negros para a sala dos brancos, não trouxe algum desgosto. Se os pretos que me escutam, me permitirem falar com toda a sinceridade, eu direi que sim, e que estas celebrações terminam com algum desgosto meu. E vou dizer qual é, com a franqueza leal que penso me caracterizar.

Desde o dia dois de maio, os negros cultos, os negros escolhidos por eles mesmos, vem falando tanto no Teatro Municipal como aqui. Deram-se sadios conselhos como os do poeta Lino Guedes<sup>59</sup> recomendando o livro, fizeram-se vivas reabilitações como a do prosador Fernando Góes. Houve principalmente uma verificação muito útil e que por vários foi repetida: a de que o negro sofre de um complexo de inferioridade e que precisa vencê-lo.

É principalmente esse complexo de inferioridade que inferioriza o negro deixando-o numa subalternidade lastimável. Porém, olhando o passado e este nosso presente de comemorações, eu me pergunto: essa subalternidade atual não será mais ou menos justificável? Pelo menos isso parecem provar os oradores negros destas comemorações.

Não basta verificar o complexo de inferioridade e recomendar a todos que o vençam. Positivamente um rapaz novo, lúcido, voluntarioso, audaz em suas afirmativas, reivindicações e maneira de agir, como Fernando Góes, não sofre mais do complexo de inferioridade, ou se o sofre o sabe vencer.

Mas a todos os oradores negros que desfilaram nestes dias falta, faltou enormemente a vontade, o esforço, aquela vontade e aquele esforço pacientes que fizeram o francês dizer

---

58 Nota da edição: Francisco Lucrécio (1909-2001), cirurgião-dentista, um dos fundadores da Frente Negra Brasileira (FNB), em 16 de setembro 1931; trabalhou no jornal *Senzala* e em 1934 assumiu o cargo de secretário-geral da referida frente. Proferiu a conferência “A liberdade e o negro”, no Palácio do Trocadero, em 10 de maio de 1938, nas comemorações do Cinquentenário da Abolição.

59 Nota da edição: Lino Guedes (1897-1951), poeta e jornalista; atuou na imprensa negra, nos jornais *Getulino* (redator-chefe), *Maligno* (diretor) e *Progresso* (editor). Em 2 de maio de 1938, fez sua conferência na sessão solene das comemorações do Cinquentenário da Abolição. No dia seguinte, *O Estado de S. Paulo* afirma que Lino Guedes “encareceu o papel do livro no desenvolvimento cultural dos homens da raça”, mas não menciona o título da conferência.

que o gênio não passava de uma longa paciência. Qual o discurso, qual a conferência proferida por negros, nestas comemorações, que se possa aproximar da ciência e na reflexão das conferências de um Artur Ramos<sup>60</sup>, por exemplo? Certamente nenhuma, e isto é o que me desgosta. Os negros paulistas sabiam que estava para chegar o cinquentenário da maior data deles e uma das maiores do Brasil. Não faltou quem lhes estendesse a mão, não por generosidade a que eles devam ser gratos, mas por simples justiça de iguais. Não era este o momento dos negros provarem o que valem, em vez de afirmarem que valem. Não haverá um homem são de espírito no Brasil que negue esse valor. A nossa história, o nosso passado e a nossa justiça crítica o provam mais que suficientemente.

O que eu senti nestas comemorações é que o negro se contenta de alcançar um posto de destaque intelectual entre os do seu meio ainda culturalmente menos apreciável. Nenhum se dedicou a uma obra de fôlego, nenhum a uma obra paciente de cultura, nenhum a uma obra de igualdade. E que não se diga seja isto uma questão financeira porque um Artur Ramos também vive de seu ganho e luta por viver. E que não se diga seja aqui um problema de linha de cor, pois que se nalgum salão de baile é possível [que] se proíba a entrada do negro, não há uma biblioteca no Brasil onde essa infamante proibição exista. E é incontestável que na maior data negra do Brasil, os intelectuais negros de São Paulo não quiseram se igualar como era possível, e nem quiseram vencer, como deviam.

O desânimo ainda pesa sobre a raça negra entre nós, e a falta de vontade enérgica. Quando os japoneses quiseram levantar sua força nacional à altura da europeia, eles adotaram métodos europeus. Se a raça negra quiser se igualar à branca, como deve e pode, terá que adotar métodos brancos de ânimo e tenacidade. É certo que muitos dos negros já venceram o complexo de inferioridade. Aos oradores negros destas noites não faltou convicção, às vezes prematura. Mas em nenhum pude notar a verdadeira consciência da data que comemoravam, e consequentemente aquele esforço, aquela vontade iluminada que só eles na cultura, levam à criação de obras duráveis.

---

60 Nota da edição: Artur Ramos (1903-1949), médico, antropólogo e estudioso do folclore. Autor de *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934), *O folclore negro no Brasil* (1935) e *As culturas negras no Novo Mundo* (1937). Nas comemorações do Cinquentenário da Abolição, fez três conferências: “Negro e folclore cristão no Brasil”; “O espírito associativo do negro” e “Castigo de escravos”, publicadas na *Revista do Arquivo do Município de São Paulo*, nº 47, ano 9, São Paulo, jun. 1938; número dedicado ao Cinquentenário da Abolição.

---

Uma feita fui não compreendido pelos negros de São Paulo, porque numa reportagem de romance denunciei algumas falhas deles.<sup>61</sup> Outra feita fui por eles louvado porque lhes denunciei algumas das qualidades essenciais. Não merecia nem o louvor nem a incompreensão, porque, na realidade, como disse na abertura destas comemorações, para mim o negro não é motivo nem de louvor nem de repúdio, “é pura e simplesmente um homem como todos os outros”, e que por isso, deve ser tomado como qualquer outro.

Aproveito, pois este momento que não pretende ser de louvações inúteis para concitar os negros de São Paulo à coragem de maiores esforços. É preciso, pelo menos por enquanto, que eles não se esqueçam da pesada cor que tem. É preciso que eles se redimam do simbolismo das cores que levou a cor branca a ser o Bem e a preta a ser o Mal. Porque não basta abolir o preconceito da cor, é preciso justificar essa abolição. E só o esforço próprio, a tenacidade, o gozo das volúpias de tais batalhas é que levarão os negros a essa vitória perfeita de serem homens como quaisquer outros.

São Paulo, 7 de maio, 1938.

---

61 Trata-se de A NEGRADA, trecho do romance inacabado *Café*, cedido à revista *Movimento Brasileiro*, ano 2, nº 16. Rio de Janeiro, abr. 1930, p. 10-12, (ilustração de Di Cavalcanti).